

# NENHUMA RELIGIÃO

## **Buddhadasa Bhikkhu**

Fonte            Toward the Truth  
Observação     Capítulo 1  
Tradução       Maurício Motta

Encontrando vocês nesta ocasião eu sinto que há algo que nos impede de compreender um ao outro. E isto não é outra coisa senão o problema da linguagem. A linguagem que é convenientemente falada nós a chamaremos de linguagem de todos os dias, a linguagem do homem comum. Este é um tipo de linguagem. Mas existe uma outra linguagem falada por aqueles que conhecem a verdadeira realidade, ou Dharma. Esta é a linguagem do Dharma, a linguagem da verdade mais alta ou mais interna. As pessoas que são cegas para a Realidade falam e entendem somente a linguagem convencional das pessoas normais. Por outro lado, a pessoa que verdadeiramente realizou a Verdade última pode falar qualquer uma delas. Ele pode utilizar a linguagem de todos os dias muito bem e também se sente confortável usando a linguagem do Dharma, especialmente quando está falando com alguém que já realizou a Verdade (Dharma). Quando as mais altas verdades do Dharma são discutidas, tal linguagem será ininteligível para as pessoas normais. A linguagem "mais interna" é compreensível somente por aqueles que realizaram a Verdade. Além disto, a linguagem do Dharma nem mesmo exige verbalização, assim, um dedo apontando ou uma sobrancelha levantada pode comunicar um pensamento último.

A pessoa comum, normal, tem a impressão de que há muitas religiões e que são todas tão diferentes a ponto de serem hostis e opostas. Assim ele considera o Cristianismo, o Islamismo e o Budismo como incompatíveis e mesmo inimigos amargos. Tal é a concepção do homem comum que fala de acordo com as impressões das pessoas comuns. Precisamente por causa de falas como esta, que existem diferentes religiões opostas e com hostilidades uma à outra. Se, entretanto, uma pessoa penetrou na natureza fundamental (Dharma) da religião, ele considerará todas as religiões como essencialmente similares. Embora ele possa dizer que há Budismo, Cristianismo, Islamismo e assim por diante, ele também dirá que essencialmente são todas idênticas. Se ele continuar até um entendimento mais profundo do Dharma até que ele finalmente realize a Verdade absoluta, ele descobrirá que não existe tal coisa chamada religião - que não existe Budismo, Cristianismo ou Islamismo. Então, como elas podem ser idênticas ou conflitantes? Deste modo, a frase "Nenhuma religião" é de fato a Linguagem do Dharma no seu mais alto nível. Se isto será compreendido ou não é outra questão, pois isto

depende da percepção do ouvinte.

Vamos considerar uma analogia, bem simples - água. A maioria das pessoas acha que há vários tipos diferentes de água. A pessoa média verá vários tipos de água como se não tivessem nada em comum. Ela vê a água da chuva, água do poço, água subterrânea, água nos canais, água nos pântanos, água nas trincheiras, água nas sarjetas, água nos encanamentos dos esgotos, água nas privadas, água da urina, e por aí vai. O homem comum insistirá que elas são completamente diferentes, por causa de seu julgamento depender de critérios externos. Uma pessoa com algum conhecimento, entretanto, sabe que não importa do tipo de água, a água pura pode ser destilada a partir daquela. Destile a água da chuva, a água do rio, ou mesmo a água dos encanamentos dos esgotos e você encontrará água pura. Os elementos que se combinam para fazer tipos de água com diferentes aparências podem alterar ou poluí-la, mas essencialmente estas formas diferentes são idênticas. Se você prosseguir mais ainda com sua análise da água pura, você concluirá que não existe água - somente duas partes de hidrogênio e uma parte de oxigênio. Hidrogênio e Oxigênio não são água. A substância que nós chamamos de água desapareceu. Ela está vazia.

Duas partes de hidrogênio e uma parte de oxigênio são o mesmo em toda parte, onde quer que eles possam ser encontrados; a substância água deixou de existir, e nós já não precisamos usar a termo "água". Para aquele que penetrou à verdade a este nível não há tal coisa como água. Da mesma maneira, alguém que atingiu à Verdade última vê que não há nenhuma coisa como religião! Há só Realidade ou Natureza. Chame do que vocês quiserem - Dharma ou Verdade-mas vocês não podem particularizar aquele Dharma ou Verdade como Budismo, Cristianismo, ou Islamismo, pois o que quer que seja, vocês não podem defini-lo dando-lhe rótulos. A razão pela qual existe a divisão entre Budismo, Cristianismo, e Islamismo é que a Verdade ainda não foi realizada. Somente as formas exteriores estão sendo levadas em conta, da mesma maneira que com a água de canal, água barrenta, e as outras águas.

O Buda pretendia nos fazer entender e poder ver que não há nenhuma pessoa, nenhum indivíduo - só Dharmas ou existências reais. Semelhantemente, as religiões particulares não são no final das contas distintas. O rótulo "Budismo" foi fixado só depois do fato, como aconteceu com o Cristianismo, o Islamismo, e todas as outras religiões. Nenhum dos grandes mestres religiosos deu um nome aos seus ensinamentos; eles apenas continuaram ensinando ao longo de suas vidas como nós deveríamos viver.

Quando o último nível é alcançado, quando o último nível é conhecido, então nem mesmo o homem existe. Há só a Natureza, só o Dharma. Não pode ser considerada qualquer coisa em particular porque não pode ser uma coisa; não pode ser qualquer coisa diferente do Dharma. Não pode ser tailandês ou chinês, preto ou branco, oriental ou ocidental. Nem pode ser budista ou cristão ou islâmico ou qualquer outra coisa. Quando este Dharma é alcançado, vocês terão alcançado o coração de todas as religiões e de todas as coisas, e finalmente vem à cessação completa do sofrer.

Embora nós nos chamemos de budistas e professamos o Budismo, nós ainda não atingimos a Verdade do Budismo, visto que nos familiarizamos apenas com um aspecto minúsculo de nosso próprio Budismo. Embora sejamos monge, noviço, ou leigo, nós estamos cientes apenas da casca, a casca exterior que nos faz pensar que o Budismo é diferente desta ou daquela religião. Porque nós falhamos em compreender e perceber nossa própria natureza essencial, nós olhamos com desprezo para outras religiões, enquanto exaltamos e apoiamos a nossa própria e pensamos ser um grupo separado. Forasteiros não fazem parte da nossa irmandade. Eles estão errados; só nós temos razão. Tais julgamentos mostram nossa ignorância e tolice. Nós somos iguais aos bebês pequenos que conhecem somente suas próprias barrigas. Quando você diz para uma criança pequena tomar banho e lhe pede que se lave com sabão para tirar toda a sujeira, o pequeno bebê esfregará somente a barriga; ele não sabe lavar todo o resto. Ele nunca pensará em lavar atrás das orelhas ou entre os dedos do pé. Deste mesmo modo, a percepção da maioria dos partidários de Budismo é limitada ao que eles podem fazer para adquirir uma recompensa. Enquanto apóiam os templos ou os monges e observam os preceitos, eles têm somente o objetivo de adquirir mais em retorno ao que eles dão. Quando fazem oferendas, alguns esperam dez vezes mais do que deram, e alguns até mesmo cem vezes. Tais pessoas não sabem nada sobre Budismo, porque eles só se familiarizaram em como conseguir e como levar. Isso não é Budismo. É a religião de conseguir; a religião de levar. Budismo real é saber conseguir sem conseguir, e levar sem levar, de forma que não há nenhuma frustração e nenhum sofrimento.

O coração de Budismo não está em se conseguir coisas mas sim em se livrar delas. Em outras palavras, é desprendimento, não se prender ou agarrar qualquer coisa, nem mesmo a própria religião, até finalmente se perceber que não há nenhum Budismo. Falando mais precisamente, isto significa que não há Buda, não há Dharma, não há nenhuma Sangha! Porém quando expressado deste modo ninguém entenderá. Ao invés disto, eles ficarão chocados e amedrontados.

Se as pessoas entendessem, eles veriam que o Buda, o Dharma (ensinamentos), e a Sangha são a mesma coisa. Eles os veriam como sendo Dharma, a verdadeira natureza de coisas. Eles não se sentiriam compelidos a prenderem-se e agarrarem-se à sua religião como aquela coisa em particular ou esta idéia em particular. Budismo é somente Dharma, a Verdade, um estado puro, ou qualquer que seja o modo que vocês decidam etiquetá-lo.

Mas a maioria de nós nem ousa pensar deste modo! Nós até mesmo temos medo de pensar que não há nenhuma religião, nenhum Buda, nenhum Dharma, nenhuma Sangha. Mesmo se as pessoas fossem forçadas ou ensinadas a pensar deste modo, elas não seriam capazes de entender. De fato, provavelmente teriam um ponto de vista totalmente distorcido e reagiriam do modo oposto ao que seria pretendido. Por esta razão, depois da morte do Buda apareceram muitos sistemas novos de prática religiosa em diversos níveis. Se a pessoa desejasse fazer oferendas para ganhar benefícios em

retorno, poderia ser feito. Aquele mérito evoluiu e tornou-se isca para atrair as pessoas e os levar para dentro da religião como um passo preliminar.

Através da prática pensava-se que eventualmente as pessoas se desenvolveriam além das atividades para alcançar méritos, porque eles são no final das contas insatisfatórias e nos levam a sofrer. O próximo passo na direção do Dharma é escolher viver voluntariamente uma vida plena e simples, uma vida pura, sem ser desviado ou intoxicado por qualquer coisa. Embora ainda haja uma consciência de um ego que esteja desfrutando este modo de felicidade, isto é mais elevado do que executar atividades para alcançar méritos para ganhar uma recompensa. No nível mais elevado do Dharma não resta nenhum sinal de ego. Está totalmente acabado; nada mais foi deixado para ser feito. A mente não é mais obcecada pela impressão de um ego. Frustração e sofrimento são transcendidos, desde que não há mais um "eu" para sofrer. Então, como é dito na linguagem cotidiana, há felicidade real. Em linguagem do Dharma, porém, não há qualquer coisa-nada que adquirir, nada para ter, nada para ser, nada mesmo-e isto é chamada "estar vazio". Tudo ainda existe, mas toda a consciência disto em termos de "Eu" ou "o meu" é esvaziado.

Ver as coisas como vazio é vê-las como não sendo um aspecto de si mesmo, ou de qualquer forma possuída por si mesmo. A palavra "vazio" na linguagem comum das pessoas ignorantes significa que nada existe, mas na linguagem do Buda, o Iluminado, vazio significa tudo existe, mas sem fixação. Conseqüentemente, elas estão vazias - livres de serem agarradas e pegadas como "eu" ou "meu".

Sempre que um pensamento ou sentimento que envolve ego-consciência surge, sucede imediatamente o sofrimento, e o sofrimento sempre convém àquele conceito particular de "Eu". Se "eu" for humano, sofro como humano. Se "eu" for um anjo, sofro como um anjo. Dependendo das variações da maneira do ego se agarrar e pendurar à existência, também pode haver nascimento como um habitante do inferno, uma besta, um fantasma faminto (peta) ou um **asura** (demônio). Em um dia que vocês podem passar por muitos nascimentos ou muitas dúzias de nascimentos, e todo nascimento de tal maneira é insatisfatório, frustrante, e inseparável do sofrer. Destruir este processo de nascimento é Nirvana.

Não há necessidade de se falar sobre o que acontece depois de morte. Por que se falar sobre o fato de ser enterrado na terra? É irrelevante e completamente desnecessário. Primeiro lide com o problema presente de não nascer. Se vocês puderem entender a natureza de sua vida presente, vocês não terão que sofrer mais. Quando o processo de renascimento contínuo é negado, não há mais nenhum ego. Esta é liberdade de ego. "Eu" se torna um conceito vazio e isso elimina o problema. É tão simples assim. A pergunta sobre o quanto ainda viveremos fica sem sentido, porque o tempo e o futuro deixam de existir assim que vocês descobrirem como impedir que o nascimento de ego aconteça novamente. Este estado pode ser chamado não-nascimento, ou pode ser chamado morte.

As palavras "nascimento" e "morte" têm significados opostos na linguagem cotidiana e na linguagem do Dharma. A mesma situação existe nas escrituras de outras religiões, especialmente no Cristianismo. Como resultado, os cristãos não entendem freqüentemente a sua própria Bíblia, da mesma maneira que os budistas não entendem as escrituras budistas.

No Cristianismo encontramos Jesus Cristo que sacrificou sua vida para expiar os pecados da humanidade, e também aquele Jesus disse, "Se queres entrar na vida, observa os mandamentos" (Mat. 19:17). Isto mostra que a palavra "vida" tem mais de um significado. Em Mateus 20:28 se lê, "[Ele entregou] sua vida em resgate por uma multidão". Aqui, vida é usada no seu sentido comum: ele se submeteu a ser morto pelos outros e, assim, perder sua vida. Vida na passagem "Se queres entrar na vida, observa os mandamentos" é a mesma palavra idêntica, mas a vida referida aqui não é uma vida que pode morrer. É uma vida que nunca conhecerá morte.

A palavra "morte" na linguagem cotidiana significa morrer ou ser morto. Porém, morte na linguagem de Deus, como usada por Deus com o Adão e Eva no Jardim de Éden tem um significado real diferente. Deus disse para Adão que não comesse a fruta de uma certa árvore, "pois o dia que vocês comerem dela vocês morrerão" (Gen. 2:17). Eventualmente, Adão e Eva comeram a fruta, mas nós sabemos que eles não morreram naquele mesmo dia. Quer dizer, os seus corpos não morreram mas eles morreram no sentido da linguagem do Dharma, uma morte espiritual que é muito mais cruel que ser enterrado num caixão. O pecado era recém nascido em suas mentes, tão grande e real quanto a Montanha Lanka, porque eles começaram a pensar em condições dualísticas - bom ou mal, macho ou fêmea, vestido ou nu, marido ou esposa, e assim em diante - até o ponto que suas mentes foram inundadas de sofrimentos indescritíveis. Este modo de percepção foi transmitido à era presente. Por conseguinte, o ato de Adão e Eva é denominado pecado original. Morte, no sentido do pecado original, acontece sempre que participamos da fruta do dualismo. Naquele exato momento nós morremos.

Este significado da morte na linguagem Cristã é semelhante a seu significado na linguagem do Buda. Ambas as tradições apontam à mesma verdade, a verdade sobre apego e dualismo, porque sempre que pensamentos dualísticos surgem, há ligação ao estar sofrendo, equivalente ao morrer. Na morte cessa toda a bondade. É o fim da felicidade e paz quando todas as qualidades que mais valem a pena se desintegram. No sentido Dármico todos morremos diariamente. É um morrendo simbolizado pela frustração, preocupação, inquietude, e ansiedade.

Estar resolvido em não morrer é estar de acordo com os ensinamentos do Buda e em linha com o objetivo do Budismo. É se recusar ser dominado pelo pecado original do pensamento dualístico. Dharma é aquilo que na realidade não há nenhuma dualidade de qualquer tipo - nenhum ganho ou perda, nenhuma felicidade ou sofrimento, nenhum bom ou mal, nenhum mérito ou pecado, nenhum masculino ou feminino. Não há absolutamente nada que possa ser dividido e separado em pólos opostos. Tal dualismo é

a base de toda o apego, assim não se agarre a uma perspectiva dualística. Seja desapegado. Entenda que não há nada para ser agarrado ou segurado porque tudo é impermanente e somente relativo ao momento. Trabalhe com uma mente que não se agarra a nada e que esteja livre de todas as formas de apego. Tal atitude é denominada "trabalhando com uma mente vazia".

Execute todo tipo de tarefa com uma mente vazia, seja no escritório ou em casa. Até mesmo o descansar e a recreação deveriam ser realizadas com uma mente vazia, uma mente que sempre permanece desapegada e livre. Se vocês trabalham com uma mente agitada, uma mente que está inquieta, sempre pegando e se agarrando a uma coisa ou uma idéia depois de outra, uma mente que é sobrecarregada com apegos, há sofrimento e vocês nascerão dentro um estado baixo(*apaya*) naquele exato momento e mais tarde como um habitante do inferno, uma besta, um fantasma faminto, ou um *asura*. Para transcender este pecado original você deveria trabalhar e viver sem apegos.

*Faça o trabalho de todos os tipos com uma mente que seja vazia.*

*E então para o vazio dê todos os frutos.*

*Leve comida do vazio como fazem os Sacros Santos:*

*E olhe! Você está morto para si mesmo desde o Início.*

Todo tipo de trabalho deveria ser feito com uma mente vazia. Infelizmente muitas pessoas, têm as mentes inquietas ou agitadas cheias como nuvens negras de delusão. Por conseguinte, elas se preocupam e são sombrias e inseguras. Eventualmente eles podem sofrer uma severa depressão e colapsos nervosos. Independente de posição, do intelecto, e da sofisticação, desordens da mente, doenças de insegurança, ansiedade, e neurose, resultam de se segurar e agarrar-se a tais coisas como fama e dinheiro, e ser aprisionado por assuntos tais como lucro e perda, felicidade e infelicidade, facilidade e doenças, elogios e culpa.

Assim, tente transcender todas estas preocupações. Livre-se de todo apego e sua mente será vazia. Você será então uma pessoa sábia com uma mente afiada e clara. Com uma tal mente vazia, o trabalho será realizado sem o menor traço de frustração ou sofrimento. Às vezes parecerá ser o que nós podemos denominar "alegria Dármica" ou uma despreocupação produzida pela compreensão desapegada. Trabalho num sentido Dármico não faz nenhuma distinção entre atividades sagradas e profanas. Neste sentido todo trabalho é prática do Dharma, se é esforço físico ou mental, louvando no templo ou arando os campos. Trabalho como prática de Dharma é, simplesmente, trabalhando sem segurar, apertar, ou abraçar. Adequadamente, se vocês estão comprometidos treinando a mente a ser desapegada e calma ou se vocês estão trabalhando para ganhar a vida em alguma ocupação ou outra, se vocês fazem isto com uma mente vazia que não forma nenhum apego, aí está a prática do Dharma. Trabalhar sem se envolver com pensamentos interferindo é o que se quer dizer por "Faça o trabalho de todos os tipos

com uma mente que é vazia".

Na segunda linha do verso se lê, "E então para o vazio dê todos os frutos". Quando seu trabalho fizer surgir o fruto do dinheiro e da fama, estes devem ser dados ao vazio.

Não se prenda ou se agarre a idéia que estas são coisas que "pertencem a mim, " que este é "meu sucesso" ou "minha superioridade ". A maioria das pessoas deixam-se apegadar ao gosto do sucesso e às recompensas que vem com ele, se acrescentando a aqueles desejos na mente que são escuros e corruptos(*kilesa*). Tal cegueira conduz ao sofrimento mental e físico.

O ensinamento budista do desprendimento não é único. Na realidade, pode ser achado em toda religião no nível da linguagem do Dharma. Seu significado é profundo e difícil de ser visto, e muito freqüentemente não entendido corretamente. Muitas pessoas religiosas não acatam sua própria tradição muito profundamente. Por exemplo, no Novo Testamento é dito, "Deixe aqueles que têm esposas viver como se não tivessem nenhuma, e aqueles que lamentam como se não estivessem se lamentando, e aqueles que se alegram como se não estivessem se alegrando, e aqueles que compram como se não tivessem nenhum bem". Este ensinamento deve ser entendido da mesma maneira como nosso tema básico de desprendimento. Isto é, se você tiver uma esposa, não esteja apegado a ela; se você está triste ou sofre, aja como se isto nunca tivesse acontecido e assim supere isto.

Infelizmente, a maioria das pessoas é dominada pelos seus desejos. Eles se deixam sofrer de modo insuportável por apegos e decepções. Porém, como o trecho Bíblico aponta, nós deveríamos comprar as coisas como se nós não estivéssemos adquirindo nada e tivéssemos superado um senso de posse. A passagem "compram como se não tivessem nenhum bem" tem o mesmo significado do "Faça todos os tipos de trabalho de com uma mente que é vazia, e então para o vazio dê todos os frutos".

A terceira linha de nosso poema é, "Leve comida do vazio como fazem os Sacros Santos". Mas o que comemos se tudo é vazio ou entregue ao vazio? O ponto é que uma vez que nós podemos trabalhar com uma mente vazia e podemos voltar todos os lucros para o vazio, o vazio se torna nosso nutridor.

Suponha que você trabalhe e ganhe um milhão de reais (ou dólares ou libras). Pôr isto no banco seria análogo a dar isto para o vazio. Você não precisa se agarrar ao dinheiro ou até mesmo pensar nele. Não pense, "é meu! Pertence a mim " e você não estará preso a ele. Quando você utilizá-lo para despesas, faça-o com a mesma mente vazia. Simplesmente use o dinheiro para tudo que é necessário, sem apego. Isto equivale a "comida do vazio como fazem os Sacros Santos".

Nesta linha, "Sacros Santos" ou *ariya*, significa aqueles que sabem, que são iluminados. Nós mesmos deveríamos tomar a comida da mesma forma que estes libertos a comem. O Buda e os iluminados todos comiam comida. Não é o caso de aquele que se tornou um Buda não ter que comer comida; porém, tendo recebido comida, eles sempre

comeram a comida do vazio. Eles consumiram comida sem qualquer sentimento de posse ou apego e sem estar preocupado com iaquilo que comem ou com quanto eles estavam comendo. Aqui está um exemplo de "Leve comida do vazio como fazem os Sacro Santos". Todos nós temos a mesma oportunidade. Quando você dá todas as recompensas de seu trabalho para o vazio, elas não vão a lugar nenhum. Elas não estão perdidas, mas você não está preso a elas.

Na quarta e última linha do poema se lê, "E olhe! Você está morto para vocês desde o início". Você já morreu por dentro. Aquele precioso íntimo "você " se foi desde o primeiro momento. Isto é, quando você volta ao passado e reflete nisto com clareza, consciência, e sabedoria, você saberá que não há nenhuma pessoa, nenhum você. Você verá que há só os cinco componentes (*khandha*), as seis operações dos sentidos (*ayatana*), os dezoito constituintes (*dhatu*) ou simplesmente fenômenos naturais.

Embora podemos ter sido apegados a estes fenômenos, acreditando serem eles parte de nós mesmos, este não é mais o caso. Aquele ego morreu; estava morto desde o início. Previamente nós tínhamos sido iludidos em pensar em termos de "mim", e nós estávamos intoxicados. Nós nos tornamos apegados à idéia de que realmente existiu um "eu" dentro de nós, e que este "eu" poderia possuir coisas. Agora nós sabemos a verdade: não há nenhum "mim", nenhum "eu", nada que possa pertencer a "mim", nada que possa ser "eu". O "Eu" vem morrendo continuamente desde o começo até agora, e estará continuamente morrendo no futuro.

Isto não significa que alguém fisicamente se mate. O corpo é só uma concha exterior. O ego ao qual nós estamos nos referindo somente é um conceito mental criado por conveniência (para a comunicação). Não há nada substancial ou permanente em que esteja baseado. Há somente um processo sempre mutante que é mal interpretado como sendo uma entidade permanente, um "ego". Não deixe que pensamentos ou sentimentos baseado em "eu " ou "meu " surjam. Isso é tudo. O que é chamado de ego é constituído apenas dos cinco componentes (*panca-khandha*). Eles são por natureza puros. Isto é, eles estão sem contaminações, desejos (*kilesa, tanha*). Eles não se agarram a nada; nem são uma base para o apego (*upadana*). São, particularmente, as concepções mentais erradas as contaminações (*kilesa*) responsáveis pelo apego. Tente não deixar as condições que as produzem acontecerem. Deste modo você pode forçar seu ego a morrer. Não deixe que o ego ávido influencie seus pensamentos e sentimentos, nem sua consciência seja moldada por "Eu" e "meu". Não havendo nada para ser pensado como "eu" e nada para se sentir apegado como "meu", onde o sofrimento pode acontecer? O sofrer têm que acontecer a um "eu"; então, possuir "eu" e "meu" é a real raiz do sofrer. Arranque a raiz. Isso é a cura real. Como com a felicidade, assim que vocês se esforçam por ela, se agarram a ela, e são apegados a ela, ela se torna infelicidade, mais um modo para sofrer.

Pessoas ignorantes sempre têm apego de uma forma ou outra a tudo o que é ou não é. Como resultado, coisas desejáveis são convertidas em causas de sofrimento. Bom

é transformado em sofrer. Elogio, fama, honra, e os seus semelhantes são todos transformados em formas de sofrer assim que a pessoa tenta se agarrar e se pendurar neles. Tudo se torna insatisfatório por causa do agarrar e se pendurar. Se bom ou mal, mérito ou pecado, felicidade ou infelicidade, ganho ou perda - todos os conceitos dualísticos se tornam causas de sofrer sempre que vocês estão apegados a um ou a outro.

Quando você é sábio o bastante para não se apegar ou estar preso a qualquer forma em particular, você já não terá que sofrer por causa destas coisas. Bom e mal, felicidade e sofrimento, mérito e pecado - todas estas coisas são partes ordinárias da natureza e naturalmente vazias. Não há nenhum sofrimento inerente em qualquer delas.

Tal ponto de vista resulta de não ter um ego, de não estar apegado a "mim", de não conceber relações a qualquer coisa em termos de "mim". Os termos "eu" e "meu" só existem no nível convencional, mas não na mente ou coração, ou como disse Paulo, "Deixe aqueles que têm esposas viver como se não tivessem nenhuma, e aqueles que lamentam como se não estivessem se lamentando... e aqueles que compram como se não tivessem nenhum bem".

Externamente nós nos comportaremos do mesmo modo que os outros - comemos como eles comem, trabalhamos como eles trabalham, e falamos como eles falam, usando tais expressões como "Aquela é minha casa" e "Isto é meu". A mente, porém, é vazia. Aparências externas é uma coisa, mas o coração de um homem pode ser totalmente outra coisa. Por exemplo, exteriormente o homem do Dharma pode parecer ter riqueza, uma família, honra, e fama. Dentro, porém, não há nada. Na mente dele, ele não possui nada. Uma declaração tailandesa se refere a isto como "A boca é um modo, mas a mente é outro", ou em outras palavras, exteriormente a pessoa pode ser indistinguível do homem profano, mas intimamente a mente da pessoa é vazia. Exteriormente a pessoa pode possuir todas as coisas que os outros possuem, mas a mente não possui nada.

De maneira semelhante, o Buda nos ensinou a não sermos pomposos, e Jesus Cristo enfatizou a humildade. No Sermão da Montanha, Jesus falou sobre praticar a piedade em segredo, pois se é algo que você quer que os outros vejam, então isto se torna uma forma de apego. Ele aconselhou os seus seguidores que enquanto observassem o sábado sagrado que eles deveriam aplicar talco e perfumes como sempre, para não deixar ninguém saber que eles estavam observando o sábado sagrado, embora eles devessem continuar mantendo o sábado sagrado estritamente. Jesus também ensinou que se você desejar dar esmolas ou fazer uma doação a caridade, faça secretamente, não deixando os outros saberem quem é o doador.

O tema básico deste ensinamento é o desprendimento. Jesus quis mostrar que agir de um modo de não egoístico ajuda a destruir as impurezas (**kilesa**). A pessoa deveria perceber que fazer uma oferenda como um ato religioso sem deixar os outros saberem pode eliminar as contaminações (**kilesa**) da mente do doador, ao contrário de doar de uma maneira ostentosa que só aumenta a cobiça. Há uma declaração popular

na Tailândia sobre pôr uma folha de ouro nas costas de uma estátua. Num nível convencional é interpretado como não se deve fazer isto, pois pondo uma folha de ouro na parte de trás de uma estátua de Buda, a pessoa não receberá honra ou mérito. Por outro lado, um homem sábio percebe que pondo folha de ouro na parte de trás de uma estátua é uma coisa desejável de se fazer. Ele não quer o reconhecimento ou o reconhecimento da sociedade. Deste modo ganha mais honra do que se fosse praticar mérito pondo ouro na face da estátua. Então, pondo folha de ouro nas costas de uma estátua e praticando piedade em segredo tem o mesmo significado essencial: destruir o apego sem um olho para o ganho pessoal ou o elogio, pode-se dizer continuar arrancando os apegos até que no final você possa dizer que não há mais nada--- nenhum "eu", nenhum bom ou mal, nenhum mérito ou pecado, nenhuma felicidade ou sofrimento - até finalmente que não há "nenhuma religião".

Agora vamos voltar nossa atenção ao fato que o desprendimento que é o Dharma mais alto ou Verdade, é algo maravilhoso, valioso, e extraordinário. É o coração de toda religião. É a essência do Dharma. Se houver um Deus, ele será achado aqui. O Dharma do desprendimento é maravilhoso precisamente porque quem deseja obtê-lo pode fazê-lo sem fazer um investimento. Nenhum dinheiro é necessário, nem um único centavo. De acordo com a linguagem comum nada pode ser obtido sem um investimento. De uma perspectiva convencional, se você desejar ganhar mérito, você tem que pagar em moeda ou então investir trabalho. No nível da linguagem do Dharma, porém, é bastante diferente.

O Buda disse que o Nirvana é grátis. O Novo Testamento registra uma declaração semelhante. Jesus disse mais de três vezes para vir e beber a água da vida sem pagar um preço. "Deixe aquele que tem sede vir, deixe aquele que desejar tomar a água da vida sem preço" (Rev. 22:17). Esta passagem do Novo Testamento é idêntica às declarações do Buda. O Buda disse que o Nobre Caminho (*magga*), o Nobre Fruto (*phala*), e o Nirvana não são ganhos através de investimentos monetários ou ganhos através do trabalho. Viver de acordo com o Nobre Caminho Óctuplo significa simplesmente deixar tudo e não levar nada. Não é necessário pagar qualquer coisa para participar do Nobre Caminho, do Nobre Fruto, e do Nirvana. Você não pode adquirir o gosto do sabor do Nirvana. Porém, na realidade algumas pessoas gastam muito dinheiro tentando comprar o Nirvana. Tais pessoas estão se frustrando. É como os Cristãos que investem dinheiro para alcançar o céu. Quão ridículo! Os dois não têm nada a ver entre si. Na realidade, eles são incompatíveis. Se você quiser fazer caridade, faça-o sinceramente para o auxílio dos outros. Nós fazemos doações para ajudar nossos irmãos humanos a obter aquelas coisas que necessitam de algum investimento financeiro; então, nós contribuimos com dinheiro para construir templos e escolas de modo a permitir que nossos irmãos humanos se capacitem para trilhar o caminho correto, trilhar este caminho até que finalmente alcancem aquilo que é obtido sem pagamento - aquilo que é chamado Nirvana.

Aqueles que planejam ganhar mérito pela força da sua riqueza são aconselhados a mudar suas mentes, visto que eles sofrem perdas ao invés de lucros. Agir de tal modo

vai ao contrário das palavras do Buda quando disse, "O Dharma (Verdade) é livre". Jesus disse o mesmo, acrescentando, "Recebestes de graça, de graça dai" (Mat.10:8). Se a Verdade é obtida de graça, deve ser passada também de graça. Não esteja indisposto ou relutante. Não espere gratidão ou os presentes de um estudante ao seu professor. Tal atitude é inadequada. Quando você adquirir algo de graça, dê de graça. Então, como a mais alta de todas as coisas, o Dharma da religião é algo a ser ganho e dado de graça. Uma vez que você tenha recebido isto, você é obrigado a também passar isto para seus irmãos humanos. Não faça um espetáculo sobre isto e não espere nada em retorno. Fazer uma contribuição a uma causa religiosa é para um propósito diferente. Não tem nenhuma influência em atingir o Nirvana. Como consequência, isto servirá de instrumento para ajudar as pessoas que estão cegas ao caminho, ver o caminho e eventualmente chegar a aquilo que é obtido de graça.

Olhando cuidadosamente você verá que esta coisa preciosa, a mais maravilhosa de todas as coisas maravilhosas, esta excelência que é obtida de graça, é que é chamada Nirvana--ou, sobre este assunto, qualquer outro nome que você preferir chamá-lo. Jesus chamou-a de vida. Este estado no qual nós existimos agora não deve ser considerado como viver. Ao invés disto, é morrer. Seguir os ensinamentos de Jesus significa que a pessoa nasce novamente. Você tem que morrer primeiro e então nascer novamente. Quando você nasce novamente você nasce para a vida eterna que é verdadeira vida. (João 3:3-8.)

Buda falou do mesmo modo. Ele disse que aquele que não sabe que esta existência é semelhante ao morrer está sofrendo. Nós temos que saber claramente ou sermos iluminados de modo a despertar para um mundo novo. Então um fim ao sofrer virá. Mas nós temos que perceber e entender nossa condição antes de nós podermos nos livrar disto. O que aconteceu no passado era morte, sofrer e morrer, por causa do "eu" e "meu". Agora nós nascemos novamente para a vida eterna, vida "Nirvânica", a vida imortal, o estado imortal, o imortal - ou o qualquer que seja o modo q você o defina. "Eu " e "mim" cessam. A palavra "renascido" surge para significar uma vida sem ego, nenhum "eu", uma vida que não pode morrer. Os cinco componentes (**khandha**) estão agora purificados e são chamados os componentes puros (**visuddhi-khandha**). A mente e corpo não respondem mais a desejos e apegos contaminados. Antes desta realização os cinco componentes eram continuamente manchados pelos apegos corruptos centrados ao redor do "eu" e "meu". A morte sempre estava presente. Quando as contaminações de desejos e apegos são completamente erradicadas há um renascimento no mundo dos nobres (**ariya**). "Renascimento no mundo dos nobres" é uma expressão da linguagem comum. Na linguagem do Dharma é "a extinção do 'eu'". Permanece somente o vazio, que é Nirvana.

Se nós falarmos na linguagem comum, como fez Jesus, nós dizemos que aquele renasce no mundo dos nobres ou aquele que vive eternamente no Reino de Deus.

Traduzido para a linguagem do Dharma tem o mesmo significado que no Budismo. Numa linguagem se fala em "renascimento," enquanto na outra fala em "completa extinção". Somente as palavras são diferentes. Na linguagem comum nós falamos sobre ter renascido. Na linguagem do Dharma nós falamos sobre extinção. Vamos viver uma vida de extinção, de limitar o calor do apego cego, uma vida de frieza. Queimar neste sentido é morrer. Uma pessoa que é uma chama está como um habitante do inferno, um animal, um fantasma faminto, ou um **asura** (demônio). Tal pessoa está morrendo continuamente. O seu apego ao "Eu" ainda não está extinto. Seu ego ferve e borbulha dentro dele com o calor do fogo. Isto deve ser transcendido de modo a se acalmar e "ficar frio" ou para que se obtenha o Nirvana.

Nirvana literalmente significa ficar mais frio. Na Índia na época do Buda, esta palavra era dita nas casas e nas ruas. Era uma palavra cotidiana comum. Quando algo quente tinha se esfriado as pessoas usavam a palavra "nibbana" para descrever isto. Se o curry estivesse muito quente e então ele "nibbanava", eles diriam, "O curry está 'nibbana', então vamos comer". Nirvana, então, em seu uso cotidiano usual insinua o esfriar de qualquer coisa que esteja quente. Quando um homem está queimando e está fervendo como um habitante do inferno, nós dizemos que ele ainda está quente e ainda não "nibbana". Depois que ele descobrir o modo de aplicar o Dharma para se esfriar, ele está "nibbanando". Ele então "se nibbana" até atingir o Nibbana completo e está absolutamente frio.

Até mesmo agora, até certa medida, há Nirvana em nós. Esta é a razão pela qual você é capaz de sentar e ouvir tal fala como a de hoje. Caso contrário, se as chamas estivessem chamejando dentro de você agora, você não poderia permanecer sentando aqui. Nós deveríamos entender que aquele Nirvana está relacionado a toda hora a nós como o ar que inspiramos para dentro e para fora. Se isto não fosse assim, se Nirvana não estivesse presente de nenhuma maneira, nós seríamos queimados e mortos por causa de sua ausência. Às vezes Nirvana desaparece temporariamente, quer dizer, sempre que nós damos abertura para a cobiça ou má vontade em qualquer forma ou sempre que estamos deludidos. Porém, quando a cobiça, a má vontade, e a delusão não estão presentes em nossas mentes, nós experimentamos um pequeno grau de Nirvana. Por causa destes vislumbres rápidos que ocorrem periodicamente do Nirvana e que captamos quando não estamos sobre a influência da luxúria, má vontade, e delusão, somos impedidos de morrer. Nós vivemos em virtude dos efeitos benéficos do Nirvana. Então, nós deveríamos ser gratos e reconhecer nossa gratidão ao Nirvana por crescentemente nos acalmarmos e esfriarmos através da destruição gradual do "eu".

Em lugar de engrandecer o ego através do orgulho, ele deve ser reduzido desenvolvendo-se a autodisciplina. Sempre que você disputa por vaidade ou teimosia, você perde contato com o Nirvana. Pessoas que disputam, que interferem com os outros ou perdem paciência com os outros, perdem sua humanidade. Eles não são realmente

seres humanos e são depravados. Assim, pessoas que discutem que aquelas outras religiões são diferentes e incompatíveis com a sua própria, causando hostilidade, perseguição, e destruição mútua são as pessoas mais estúpidas e ignorantes.

Quando as religiões são consideradas em oposição e em conflito, como resultado as pessoas se tornam inimigas. Todo o mundo pensa, "Nós temos razão; eles estão errados", até que haja disputas e lutas. Tais pessoas só exibem a sua tolice. O que eles estão disputando é somente a forma exterior e não a essência interna. Quando pessoas de inteligência e sabedoria se reúnem sobre assuntos essenciais relativo a religiões, elas reconhecem que as religiões são todas a mesma. Embora exteriormente elas possam ser diferentes, eles sabem que o espírito interno deve ser o mesmo em todos os casos. A essência interna é semelhante não importa o quão diferente sejam as formas externas, da mesma maneira que na analogia da água. A natureza essencial da água é sempre a mesma não importa o quão imunda ela aparece do lado de fora. A água não está suja. São os outros elementos misturados dentro da água que estão sujos.

Sempre que há uma disputa, se entre pessoas leigas, monges, ou noviços, pode ser comparado a pessoas que bebem água poluída. Neste caso o poluente é a auto-afirmação orgulhosa e egoística que deve ser purificada, da mesma maneira que água impura deve ser destilada antes de ser consumida. Infelizmente, quão mais velho uma pessoa fica, mais cheia de ego ele freqüentemente se torna. Os apegos se acumulam e o egoísmo se reflete com relação à suas crianças. Ele se refere a "meu filho" ou diz, "Como ele pode fazer isso sem 'minha permissão'?". Pode se dizer que as pessoas mais velhas são mais obcecadas com "Eu" e "meu" do que as crianças o são. Nos primeiros anos da infância uma criança pequena tem apenas um senso muito pequeno de possuir um ego. Imediatamente depois do nascimento é muito difícil achar qualquer rastro de ego, e a criança no útero quase não tem qualquer consciência em termos de "Eu sou" ou "eu tenho". Porém, quando se chega à maioridade e se torna um pai ou mãe e então um avô ou avó, um sentimento forte de "mim" se desenvolve. O "Eu-meu" se torna arraigado nos sentimentos e modos de pensamento de muitos jeitos e formas, e se agarram e se aderem lá com tal tenacidade que é muito difícil removê-los.

As pessoas mais velhas deveriam ter cuidado, estarem alertas e deveriam tentar voltar a ser novamente crianças. Tal processo envolve viver conforme o Dharma; é um caminho que conduz ao vazio; é o caminho do desprendimento. Idealmente, quanto mais a pessoa envelhece mais ela deveria se aproximar do Buda. Ou, em outros termos, quanto mais velho, mais jovem você deveria ser; quão mais velho você for, quão mais jovem você deveria se tornar. Todos deveríamos ficar luminosos e alegres a medida que envelhecemos mais e viemos a conhecer mais e mais o Dharma. Quão mais próspero você obtiver ao fazer as chamadas internas retrocederem, mais frio você se torna. A medida que se tornar mais frio, você se sentirá crescentemente refrescada, mais luminosa, e mais cheia de vida. Quando você se tornar totalmente frio você cintilará com brilho e alegria. Então, quanto mais velho, mais jovem você deveria se tornar e mais alegre e fresco você

deveria aparentar e sentir.

A atividade física vigorosa e aparência fresca da mocidade é uma questão completamente diferente. Na linguagem do Dharma, estar vivo e fresco se refere a um brilho espiritual, vigor, e serenidade. Significa estar mais próximo ao Dharma e absorver mais dele. Nesta realização o calor do apego diminuí e a frescor do desapego se espalha e o envolve. Eticamente este estado se manifesta superando o ódio, o orgulho, e a delusão. Conduz à cessação do disputar, ralhar e caluniar. Exibir tais qualidades é deixar de ser um budista no verdadeiro sentido da palavra. Apenas dizer que você é budista não significa nada. Se considerar budista por causa de uma certidão de nascimento ou como resultado de assinar o registro em um templo é inútil. Ser budista genuíno, no verdadeiro sentido da palavra, significa debilitar e reduzir "eu" e "meu" de modo a se tornar frio, crescer mais íntimo ao Nirvana.

Nos graus mais altos de realização não há nenhum "eu" e "meu". Tudo está vazio de ego e não há nenhum Budismo, nenhum Cristianismo, nenhum Islamismo, pois como podem existir se não há nenhum "nós", nenhum "eles", nenhum "alguém"! Não há nada mais a não ser o Dharma, **suddhaDharma pavattanti**, apenas fenômenos puros em fluxo constante. Há somente a Natureza (**Dharma**), ou na sua forma condicionada (**sankhata-Dharma**) ou não-condicionada (**asankhata-Dharma**). O homem que percebe esta verdade está liberto do se apegar. Ele está iluminado e é Buda.